
EDITORIAL

A décima edição da ComSertões

Trama, tecido, urdidura. Trilhas que aproximam esferas sociais aparentemente distantes, distintas, autônomas – Essa é a imagem global que a décima edição da ComSertões parece construir. Os artigos aqui reunidos são diversos em suas temáticas, em suas proposições teóricas, em seus percursos metodológicos. Ao percorrer as páginas que se seguem, a comunidade de leitura irá se deparar com um irrefreável conjunto movediço de textos. Ainda assim, podemos perceber um tecido invisível, uma urdidura tênue e flexível, uma trama que conecta uns e outros, do cinema aos idosos, das religiões, das aulas que fluem, da comunicação entre catingueiros a *notícias de um dilúvio*.

Começamos examinando o roteiro de aprendizagem realizado pelas oficinas da UATI (Universidade Aberta da Terceira Idade). Trata-se de um relato de experiências, escrito por Iva Santos e Waltenice Carvalho, que visa encontrar indícios de letramento, mas também encontra vínculos entre a escrita criativa e a saúde dos seus participantes, em uma concepção de saúde mais próxima do bem-estar, e menos relacionada à ausência de enfermidades. Tal relato se vincula a outras formas de reinvenção da vida, que transbordam ao longo dessas páginas. Temos, por exemplo, o artigo *A aula flui*, em que Edilane Teles, Denise e Maria Radlene ofertam uma compreensão, oriunda de pesquisa qualitativa, acerca dos usos das tecnologias da informação e da comunicação, durante a pandemia do Covid-19, e que envolvem as reinvenções do trabalho docente, em seu esforço para efetivar a continuidade dos processos de ensino e aprendizagem, em um cenário desafiador.

Já o trabalho de Ceres Santos, Márcia Guena, Vitória, Victória e Rute – coordenadoras e integrantes do grupo de Pesquisa Rhecados, oferece um Mapeamento Sistemático acerca da *Cobertura da questão racial nos blogs do Vale do São Francisco*, em que, além de discutir definições sobre *blogs*, apresenta dados quantitativos sobre

matérias publicadas no período de 1º de julho de 2019 a 31 de dezembro de 2019, sobre temas ligados a questão racial no Brasil em *blogs* localizados nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE, em uma abordagem quali quantitativa, fazendo uso de Análise de Conteúdo e reinventando uma importante tradição das teorias da Comunicação, a chamada Espiral do Silêncio. Essa abordagem fricciona um outro silêncio, dessa vez, sob as águas e ruínas da história de Canudos. Aqui, a reinvenção se dá por mediação da arte, no relato de experiência escrito por Luis Osete e Cris Crispim, em *Notícias do Dilúvio – um canto a Canudos*, abordando “as encruzilhadas que amparam e promovem as narrativas poéticas dos 13 anos de trajetória da Companhia”, no cruzamento de reflexões teóricas, vivências em práticas culturais e registros históricos, que não devem ser silenciados. A fotografia de capa dessa edição é oriunda dos trabalhos da Cia Biruta de Teatro, e apresenta uma visão *sui generis* dos marcos do conflito histórico, evocado por um dos seus espetáculos.

Nessa mesma linha de investigação, parte da trama aqui construída se vê reconhecida no artigo de Aurilene Rodrigues, *Comunicação de conflitos: enunciados de catingueiros atravessados por outros mundos*, em que a autora analisa, através da Análise do Discurso, processos comunicacionais e expressões languageiras, historicamente ignoradas, de certo modo denunciando o desaparecimento de um modo de existência, sob o prisma modernizante e neocolonial que singra os sertões. Aqui a reinvenção toma a forma de resistência, aponta modos de ser, mas também insinua o que nós leremos em um artigo próximo, a temática das representações sociais.

O artigo de Ingryd Hayara, Isael Pereira e Carla Paiva, *Reflexões sobre a representação do Nordeste no Cinema Brasileiro*, apresenta os resultados de uma pesquisa acerca de como os nordestinos compreendem as representações sociais sobre o Nordeste, confrontando-os com os estudos sobre representação e identidade nordestina. Para ter acesso a esse confronto, é necessário que leiamos integralmente o artigo. Nessa tessitura, o artigo de Jadir Souza e Márcia Guena, *Produção científica sobre catolicismo popular no Brasil: alguns apontamentos*, visa construir o estado da arte sobre Catolicismo Sertanejo com a finalidade de entender como foram tratadas as religiosidades indígenas e africanas, problematizando suas contribuições para a formação do Catolicismo Popular Sertanejo e suas permanências. E novamente,

encontramos os temas de reinvenção e resistência, descortinando um território também marcado por silenciamentos e exclusões.

Em temática próxima, mas sob enfoque diverso, temos o artigo *Análise dos aspectos Econômicos do Turismo Religioso em Bom Jesus da Lapa-BA*, de Cynara Alves, Dayse Queiroz e Paula Renata, em que as autoras buscam compreender a importância do turismo religioso em Bom Jesus da Lapa, e quais as estratégias utilizadas pelo comércio para movimentar o mercado econômico durante a pandemia. Aqui estamos diante do saber local, mas já vislumbramos os vínculos com o texto que encerra essa edição.

De natureza ensaística, o texto de Marco Oliveira apresenta à comunidade de leitores e leitoras da ComSertões um pensamento inédito para os setores acadêmicos convencionais. Trata-se do neo-humanismo, filosofia idealizada por Prabhat Ranjan Sarkar, pensamento descolonial (grafia do autor), que promove uma reformulação do humanismo clássico, numa perspectiva emancipatória, em uma base crítica da modernidade e da colonialidade, numa tentativa insurgente e inovadora de fundar uma epistemologia *tântrica*. Tantra é um termo em sânscrito que significa trama, tecido, urdidura, em que tudo se conecta com tudo. Este é o sentido mais amplo dos esforços intelectuais aqui ofertados para o deleite e apreciação crítica dos leitores e leitoras dessa Revista, em sua décima edição. E, para finalizar nosso passeio pelos textos aqui ofertados, não podemos deixar de mencionar a instigante resenha sobre a escrita criativa, produzida por Geam-Karlo e João Trapiá, acerca do livro de Rubens Marconi, que fornece preciosas indicações sobre criatividade, originalidade e os bloqueios do ofício de escrever.

A presente edição contou com o inestimável apoio de Márcia Guena, Nicola Andrian, Américo Nunes e Edilane Teles e, de modo muito especial, a Miriam Brito, que dispôs generosamente seu tempo e sua leitura cuidadosa na revisão final da editoração. Os agradecimentos se estendem a Cristiane Crispim e a Camila Rodrigues, atrizes, bem como a Fernando Pereira, autor da fotografia, que cederam generosamente a bela imagem que abre nossa décima edição. Agradeço a André Vitor Brandão por ter feito a composição final da capa. Os agradecimentos fluem também ao Colegiado do PPGESA e à direção do Departamento de Ciências Humanas – DCH-III (UNEB), nas

peças de Josenilton Vieira e Edonilce Barros, bem como para a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNEB, pelo apoio institucional.

Assim, os territórios do ensino, da educação, da comunicação, da arte, da ciência, da filosofia e da religião se entrecruzam para espelhar o momento contemporâneo, dado aos estilhaços, às fissuras, ao improvável, ao absurdo. Talvez o que esses textos nos ofertem seja algo mesmo da ordem do sentido, do significado que atribuímos/construímos/ resgatamos de nossas práticas, nessa curiosa falta de sentido, ou abundância caótica do mesmo, sobre os acontecimentos que singram nosso país e o mundo.

Boa leitura!
João José de Santana Borges
Editor-Gerente